

Paula Cobo-Guevara
Doutora em psicologia
clínica pelo Núcleo de
Estudos da Subjetividade,
PUC–SP. Mestre em
estética (CalArts) e
formada em clínica
psicanalítica (IPSI,
Barcelona e fórum
do campo Lacaniano
SP). Trabalha em
distintos contextos e
línguas, nos campos da
escuta clínica, trabalho
editorial e ativismo.

Sonhando um sonho de Julieta Kirkwood: quero ser os nossos nomes

*Soñando 1 sueño de Julieta Kirkwood:
quiero ser nuestros nombres*

Paula Cobo–Guevara (2023)

Resumo: Versão em português do texto *Soñando 1 sueño de Julieta Kirkwood: quiero ser nuestros nombres*, de Paula Cobo-Guevara, do artigo originalmente publicado *Lobo Suelto* em 7 de abril de 2023. O ensaio que faz aparecer algumas reflexões abertas em torno das anotações da feminista chilena Julieta Kirkwood, tratadas a partir de um sonho de 1982, encontrado no acervo da feminista. O texto abre algumas perguntas feministas e suas revoluções desde a perspectiva do inconsciente tomando a premissa indígena do sonho como cosmopolítica.

Palavras-chave: Desejo; Feminismo; Julieta Kirkwood; Psicanálise; Sonho.

Resumen: Traducción al portugués del texto “*Soñando 1 sueño de Julieta Kirkwood: quiero ser nuestros nombres*”, de Paula Cobo-Guevara, del artículo publicado originalmente en *Lobo Suelto* el 7 de abril de 2023. El ensayo revela algunas reflexiones abiertas sobre los apuntes de la feminista chilena Julieta Kirkwood, a partir de un sueño de 1982 encontrado en la colección de la feminista. El texto abre algunas preguntas feministas y sus revoluciones desde la perspectiva del inconsciente, tomando la premisa indígena del sueño como cosmopolítica.

Palabras-clave: Deseo; Feminismo; Julieta Kirkwood; Psicoanálisis; Sueño.

A sutileza da diferença se aprende na pré-linguagem, ou no tom da voz, ou em certas palavras-chaves, mas esse é um outro estudo...
Julieta Kirkwood, *Ser Política no Chile* (1985)

Uma estrela não existe como um corpo material, mas por cintilações; eis o efeito óptico de Julieta Kirkwood (1936–1985)¹. Como estrela a contemplamos no fazer da noite, como puta, trabalhando. Julieta é a nossa noite. Como uma estrela a nos acompanhar em lugar de, a nos guiar. O pensador indígena Ailton Krenak nos revela o evidente: nós é que estamos sendo observadas pelas estrelas.

Julieta conseguiu sonhar – sonhar visões. Um sonhar como a mais absoluta forma de resistência e criação, como se fosse um território existencial. Nesse sentido, Julieta é – acompanhando Krenak – *estrela e instituição*, ou bem uma *instituição que admite sonhadores*.

Tem algo de destino sem contorno, isto é, de não-destinado, no sonhar de Julieta – como um sonho indígena, mais *real do que o real*, que é não apenas um tratamento óptico, mas ético e, portanto, político. O exercício desse sonho seria – *justamente* – torná-lo mais *real do que o real*. Algo como curvar as condições ópticas do presente para se entregar à cegueira e produzir visões; como Julieta, que traz revelações ao mundo dxs vivxs. Ao contrário do suposto pensamento do Homem Branco, que se crê vivo, mas está morto, e se é que consegue dormir é apenas para sonhar com ele próprio – como nos transmite Hanna Limulja a respeito do povo Yanomami.

Sem cairmos em folclores banais: o Chile é um presente para a imaginação política. É o Chile das suas revoltas,

[1] Julieta Kirkwood foi uma socióloga, cientista política, teórica, professora e ativista feminista chilena, considerada uma das fundadoras e promotoras do movimento feminista do Chile, na década de 1980, sendo também reconhecida como precursora dos estudos de gênero no país.

TRADUÇÃO

Damian Kraus
Psicanalista e tradutor.
Psicólogo pela UNR/
Argentina, e pela
UFRJ. Mestre e
doutor em Psicologia
Clínica/Subjetividades
pela PUC-SP.

O texto original em
espanhola está disponível
em: <https://lobosuelto.com/sueno-de-julieta-kirkwood-quiero-ser-nuestros-nombres-paula-cobo-guevara/>

poesias e textos. É a sua poética gestual que vai exercitando tentativas de um saber-fazer entre pensamento e gesto, palavra e sonho, sonho e corpo. É da capacidade poética do que estamos falando: fazer corresponder imagens noturnas com palavras, gestos, ações. Assim como no pequeno sul do mundo, *nenhuma menos* nasce de um *slam* de poesia. Assim como a greve geral feminista existe num país onde não existe o direito à greve. Assim como também existe um texto constitucional que delirou povos, delirou raças, delirou seu futuro. E porque – também – se trata justamente de fazer delirar essas categorias. É nesse contexto que o nome de Julieta Kirkwood circula, é ouvido, falado, escrito junto com o pensamento feminista(s) sul-americano nos últimos anos.

Julieta é também um presente, e um presente que precisamos aceitar. Dizem por aí que, quando se presenteia “de verdade”, sempre se presenteia *aquilo* que não se tem, e não ter aquilo que se presenteia não necessariamente é uma falta, mas algo que está por vir, tanto para quem presenteia quanto para quem é presenteado. E este não é um presente qualquer, é um presente humilde, portanto, generoso – *dadivoso* – como diria Cristina Peri Rossi. Julieta nos dá algumas pistas das pequenas formações micropolíticas de um inconsciente, ou de um tipo de sistema de pensamento que se entrega aos valores e vontades do exercício do desejo contra–autoritário e contra–conservador; em tempos de escalada de processos neoconservadores, punitivos e sentimentos anticomunistas no mundo todo.

Julieta foi uma ativista e pensadora apaixonada, herdeira, ainda que até certo ponto, do projeto do socialismo histórico

(chileno), para se tornar algo assim como uma herege – *tardia* – dele. Não se cansou de pesquisar os porquês do caráter conservador desse projeto, a partir da perspectiva do seu *feminismo tardio*: o porquê das reações conservadoras das mulherxs dentro do projeto da Unidade Popular² (assunto que não poderemos aprofundar neste texto). O pensamento de Julieta foi ousado, porquanto convocou os movimentos feministas – em plena ditadura – para que tivessem como “sujeito político” a sua própria rebeldia e não a sua opressão. Por isso fui julgada, por dividir a esquerda da sua época.

Desse modo, o presente traz Julieta de volta, ou o presente pede urgentemente por Julieta. Não podemos esquecer que o neoliberalismo é e sempre será autoritário, e sempre manterá sua fidelidade com os valores conservadores. Por isso Julieta é aquela qualidade, aquele tom de rebeldia, de um *feminismo(s) como negação do autoritarismo*: uma negação que opera por afirmação de uma outra coisa. Como um vento que foge, e no qual ainda estamos imersas, junto com Julieta, justamente, porque é Julieta.

Julieta, assim como uma trabalhadora *qualquer* da noite, conseguiu produzir visões daquele desejo sem contornos demasiadamente definidos, enquanto estamos falando de um tipo de desejo que não se deixa afetar e nem seduzir por aquele do Homem Branco, que *insiste* em exercer, forçadamente, o regime das formas e dos contornos demasiadamente definidos. Estamos falando do regime de subjetivação dominante: aquela neurose que nos asfixia em suas formas, seus gestos e seus atos voluntários.

[2] A Unidade Popular (UP) foi uma coalizão partidária de esquerda chilena formada para a eleição presidencial de Salvador Allende, em 1970, ficando no poder até 1973, quando foi destituída pelo golpe militar, que também levou à morte o presidente Allende.

Minha bunda se regozija sentada numa cadeira de um belíssimo escritório do Archivo Nacional do Chile, o do acervo Julieta Kirkwood. Com umas luvas de látex azuis, com as minhas mãos –queria não ter luvas (posso dizer, ou serei recriminada?) –, toco nela delicadamente. Uma carícia. São caixas com notas, cartões, manuscritos, fotografias da infância, cartões de visita e cadernos; reunidos pelo olhar e pelas mãos de uma amiga (como detalha lindamente Cynthia Rimsky – no livro *Julieta Kirkwood: Preguntas que hicieron movimiento. Escritos Feministas, 1979–1985*). Dizem que os amigos são esses que te pensam e te olham bem. A simpatia não é apenas amizade, mas magia, e a magia é, por sua vez, visão e confiança. O bom olhar, e se deixar ver, deveria ter efeitos simpáticos, amorosos.

Tento tocar nela, o mais suavemente possível, como Julieta tocava a vida, quer dizer, as coisas vivas. Com uma delicadeza com a vida. Anne Dufourmantelle nos diz que a carícia é uma forma de doçura; como um movimento sem limite, porque se funde e confunde, e é justamente na fusão onde realmente podemos nos transformar profundamente. Entrega-se à metamorfose e à vontade do desejo do otrxs, assim como o povo Yanomami. Aquele que se sonha e sonha para além delx próprix.

Uma carícia é certamente um teletransporte amoroso, e seria relativamente fácil projetar toda a memória que convoca Julieta e seu tempo. Deixar-se afetar pelo passado cristalizado no passado, porém tentamos *suspender e devolver o novo ao novo e o velho ao velho*, como faz um analista qualquer: *deixa flutuando e sobrevoa*, como nos conta Dufourmantelle. Ou seja, por exemplo, adquirir o olhar, o ponto de vista de um passado, justamente, não transcendente – isto é, vivo. Julieta

chega a nós e para nós. Ela conseguia seduzir o futuro, mas não por uma “simples sedução histórica”, mas pela sedução da sua vitalidade. Uma histeria visceral, somática: real. Pois o Homem Branco nos faz acreditar que a histeria é uma representação cultural, machista, por dizer. Nós acreditamos que é uma afetação do corpo, nem mais, nem menos.

A partir de qual outro ponto de entrada poder-se-ia iniciar uma aventura amorosa, se não for com o suficiente amor? Para que alguma coisa aconteça, para que algo se passe *histericamente*, no sentido de se passar para uma outra coisa, para um outro mundo, para um outro tempo: o nosso. O tempo do *feminismo tardio*:

Nós, aqui, tão ao Sul, tão no Chile, temos ficado trabalhosamente tentando produzir algumas ideias a respeito. Como dizia um amigo, “estamos tentando inventar mediterrâneos que há anos já foram inventados, partilhados e que ficaram conhecidos”. Acontece – acabo de perceber – que esses esboços que eu venho tentando fazer, as feministas em outros países já fizeram. Ou seja, é coisa de pegar; mas também não é bem assim, porque todas essas coisas, como todas as revoluções, precisam sair das profundezas, das nossas próprias negações. [tradução minha] (KIRKWOOD, 2021, p. 98).

E estamos com Julieta, essa estranha a se tornar mais íntima, mais próxima. Assim, deixo-me seduzir pela obscenidade das suas anotações; para, ainda que não apenas – justamente, mas não adequadamente – dar corpo a essa literalidade, a essa textura “vergonhosa” dos escritos “sem sentido” de Julieta. Pois, se for para nos confundirmos, para nos perder no pensamento do outro, que esses pensamentos sejam suficientemente bons, para a gente poder se perder nos próprios.

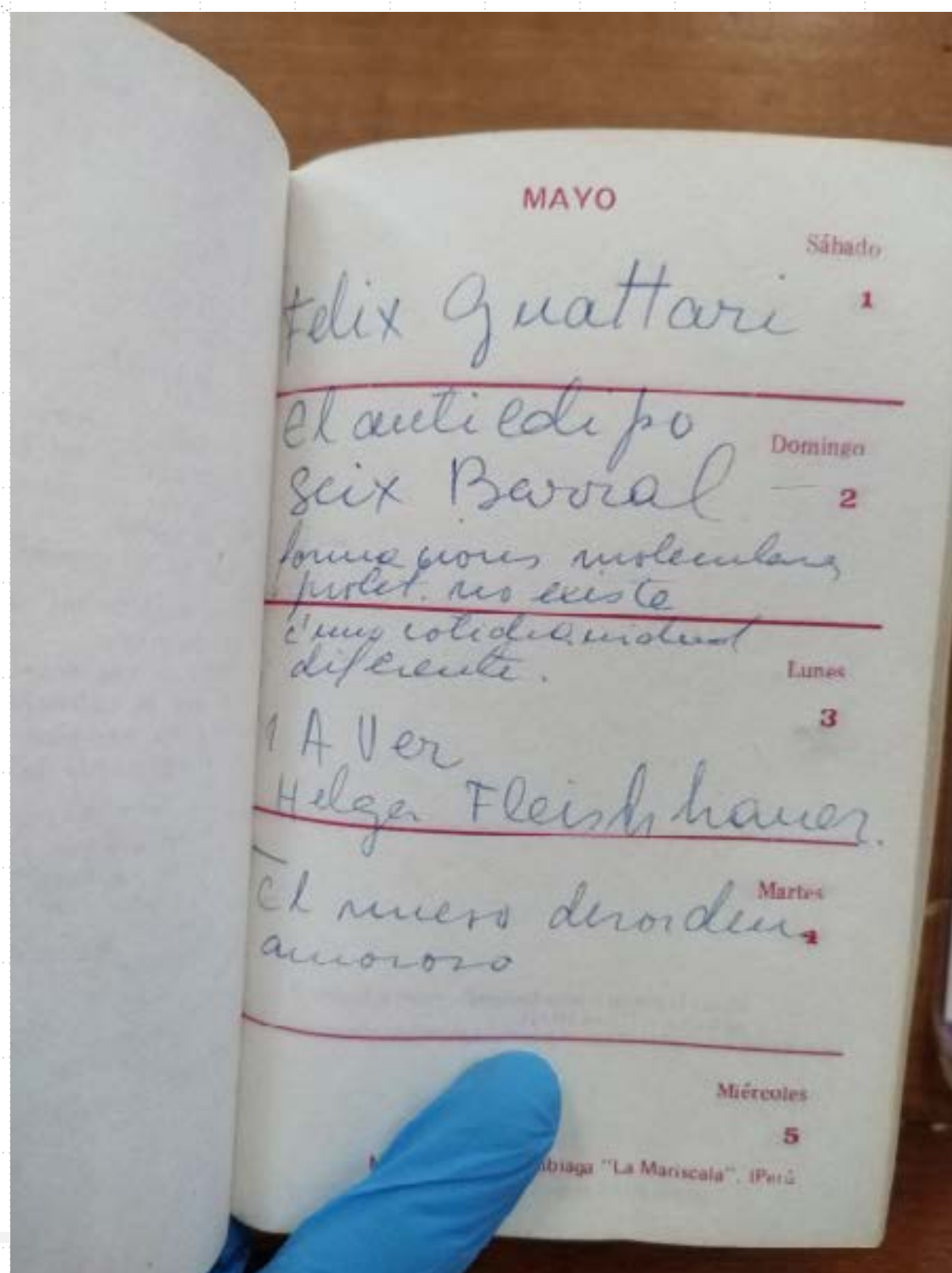


Figura 01. Foto de anotação de Julieta Kirkwood em Agenda Nosotras, 1982. Texto: Talvez amanhã eu vá morrer, mas hoje não. Fonte: Este registro é do Acervo de Julieta Kirkwood, doado por Vicky Quevedo ao Acervo de Mulheres e Gêneros do Arquivo Nacional do Chile.

Cria-se um efeito óptico, sensitivo. Contemplo-a com olhar oscilante, que vai brincando com os pontos de vista. Por exemplo, isso que parecia uma figura do fundo a se tornar nítida, de repente sobe para a superfície; e em seguida a nitidez de tal figura se dissolve no fundo – o mais próximo de um real. E suas notas (e objetos) instauram esse outro real; mais real do que o real – oscilante, como uma estrela.

Suas pequenas ideias – como ela escreveria – são testemunhos do seu pensamento não demasiadamente definido; eis onde nos compartilha seus sonhos e palavras. São aquelas anotações, não sujeitas às leis da interpretação, mas a estados atmosféricos do seu pensamento. Notas com autonomia própria, isto é, não são notas ilustrativas dos textos “sociológicos” de Julieta. Textos que não respondem à demanda do seu escritório como pesquisadora da Flacso³. Notas que nos chamam justamente para o não-acabado. Portanto, o nosso interesse não convoca uma noção de sujeito, mas ao contrário, convoca uma dessubjetivação de Julieta: seus traços, seus recortes – a sua rebeldia. Seu desejo sem objeto nem sujeito. Dado que uma rebeldia é sempre atmosférica, espacial, estelar, por isso imensa.

Afirmamos esses papéis, objetos e frases, à altura de uma superfície que é aquilo que – por prudência – se deve afirmar. A superfície daquilo que está por vir – um virtual. Como pequenas efetuações numa superfície, de papel, de texto, de história: daquele campo intensivo de forças do vivo e forças do morto. Anotações nas quais já não há dentro e nem tampouco fora. Onde apenas existe um *continuum*, um fio pelo qual o vivo se prende. É como se esses papezinhos tivessem vontade de nascer, junto com novas formas de sentir e, portanto, novas formas de exercer. Dizem por aí que o oposto da vida não é a morte, mas o nascimento.

[3] Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), organização educacional internacional autônoma para a América Latina e o Caribe, dedicada à pesquisa, ao ensino e à divulgação das ciências sociais, criada por iniciativa da UNESCO, em 1957, durante a Conferência Latino-Americana de Ciências Sociais no Rio de Janeiro.

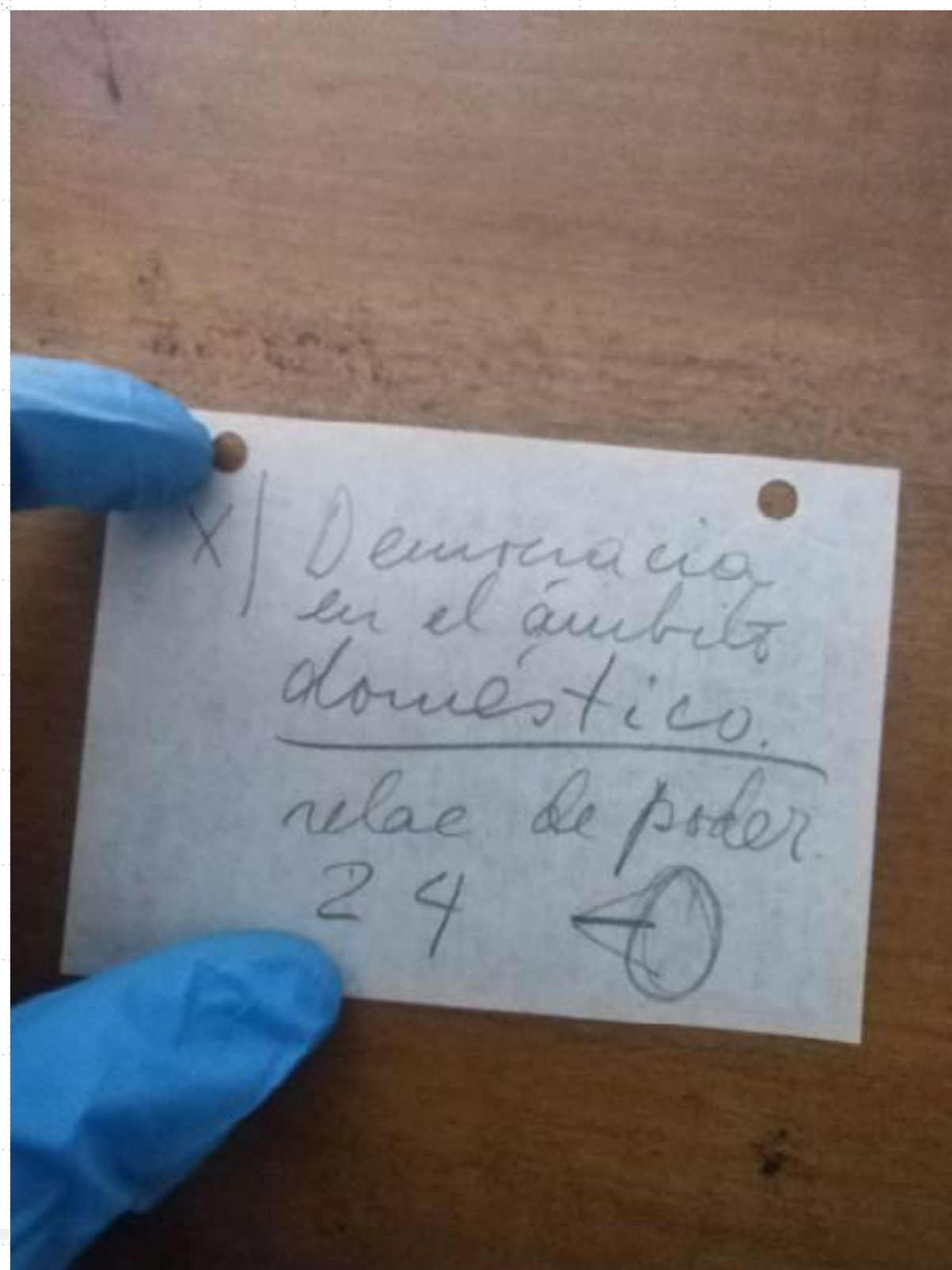


Figura 02. Foto de anotação de Julieta Kirkwood “*Democracia no âmbito doméstico*”, 1982. Fonte: Este registro é do Acervo de Julieta Kirkwood, doado por Vicky Quevedo ao Acervo de Mulheres e Gêneros do Arquivo Nacional do Chile.



Figura 03. Foto de anotação de Julieta Kirkwood. texto: “*Não compres mentiras. Não compre diários oficiais. As messageiras*”. Fonte: Este registro é do Acervo de Julieta Kirkwood, doado por Vicky Quevedo ao Acervo de Mulheres e Gêneros do Arquivo Nacional do Chile.

Algumas notas e um sonho

Como que ela ia criando a vida assim, espontaneamente, onde fosse, é um dos delineamentos, uma das ênfases que Julieta marca, com um delineador cor de rosa, sobre um livro de Violeta Parra. Assim, Violeta – eu imagino – exercia uma força muito estranha, portanto distinta, em Julieta. Como uma música de uma outra regionalidade; com uma força e uma exigência ética, de *ir criando vida, assim, espontaneamente*. Uma musicalidade companheira, que a autorizou a escrever a partir de um tipo de tom, um tipo de registro mais entregue ao coro do vivo. Como se fosse uma saída momentânea para uma paisagem devastada: desaparecimento forçado de corpos, rostos, ideias, sonhos, prazeres. Seus objetos transmitem uma serenidade mental, como uma pequena greve molecular em seu escritório.

Nesse livro se lê: “Antes (Violeta) já havia estado em Arauco (Wallmapu): Lá trabalhou bastante com uma cantora (mapuche), chamada María Painem Cotaro; ela lhe ensinou muito da música araucana, porém Violeta foi respeitosa com isso tudo e não a interpretou.... o mesmo que com a música pascoense: não a interpretou”. (*Gracias a la Vida, Violeta Parra* por Bernardo Subercaseaux, Patricia Stambuk e Jaime Londoño).

Tornar realidade as palavras e não fazer delas *palavras de ordem*, do mandato, da exigência daquele tempo, tempo de morte. Fugir da realidade é uma maneira de encontrar a vida, porém dizem que a fuga acarreta tudo aquilo do que se foge. Portanto, não se trata de uma simples fuga, mas antes de uma entrada.

É como se essa superfície das anotações passageiras permitisse se autorizar a escrever sem memória, mas do

vivo, o selvagem que acarreta toda a memória das memórias, inclusive a memória do esquecimento. E como grande pensadora do regime conservador e autoritário, torna-se uma conservadora, mas das forças da memória do vivo – que é uma das poucas coisas a respeito das quais deveríamos ser extremamente conservadoras.

E deixar de escrever como burocratas da política. É preciso fazer voar a política do político, para sermos realmente políticas. Cecilia Palmeiro nos lembra que *sem políticas do desejo não existe feminismo, existe uma outra coisa chamada burocracia*; e acrescenta: *primeiro sujetxs do desejo, depois sujetxs de direito*. Porque estamos falando de um tipo de desejo que não é aquele desejo do Homem Branco, ou o da bunda dele sentada numa cadeira de escritório. Kafka teria anunciado a nossa época: existe um Eros burocrático, que é um Eros fascista.

É talvez uma mão tomada por uma rebeldia estrangeira, que se rebela frente à mão armada da gênese do autoritarismo. É como se a sua mão ganhasse autonomia – como processo histórico (e histórico, diga-se em minúsculas) – onde começa a funcionar contra si, para sair de si; quer dizer: automodula uma leve variação rítmica a favor de outras gesticulações da mão imperativa da ordem. Mas não apenas isso, pois o recalque – sabemos – não é suficiente para instaurar um campo de desejo. A resposta histórica também não, mas certamente pode ser um bom começo. E é o que a mão de Julieta consegue. Ela é contra e ao mesmo tempo a favor de outras ideias. Porque não é tanto ir contra a lei, mas ir a favor da sua. Xs que acreditam no contrário, têm cabeça (e corpo?) de Homem Branco.

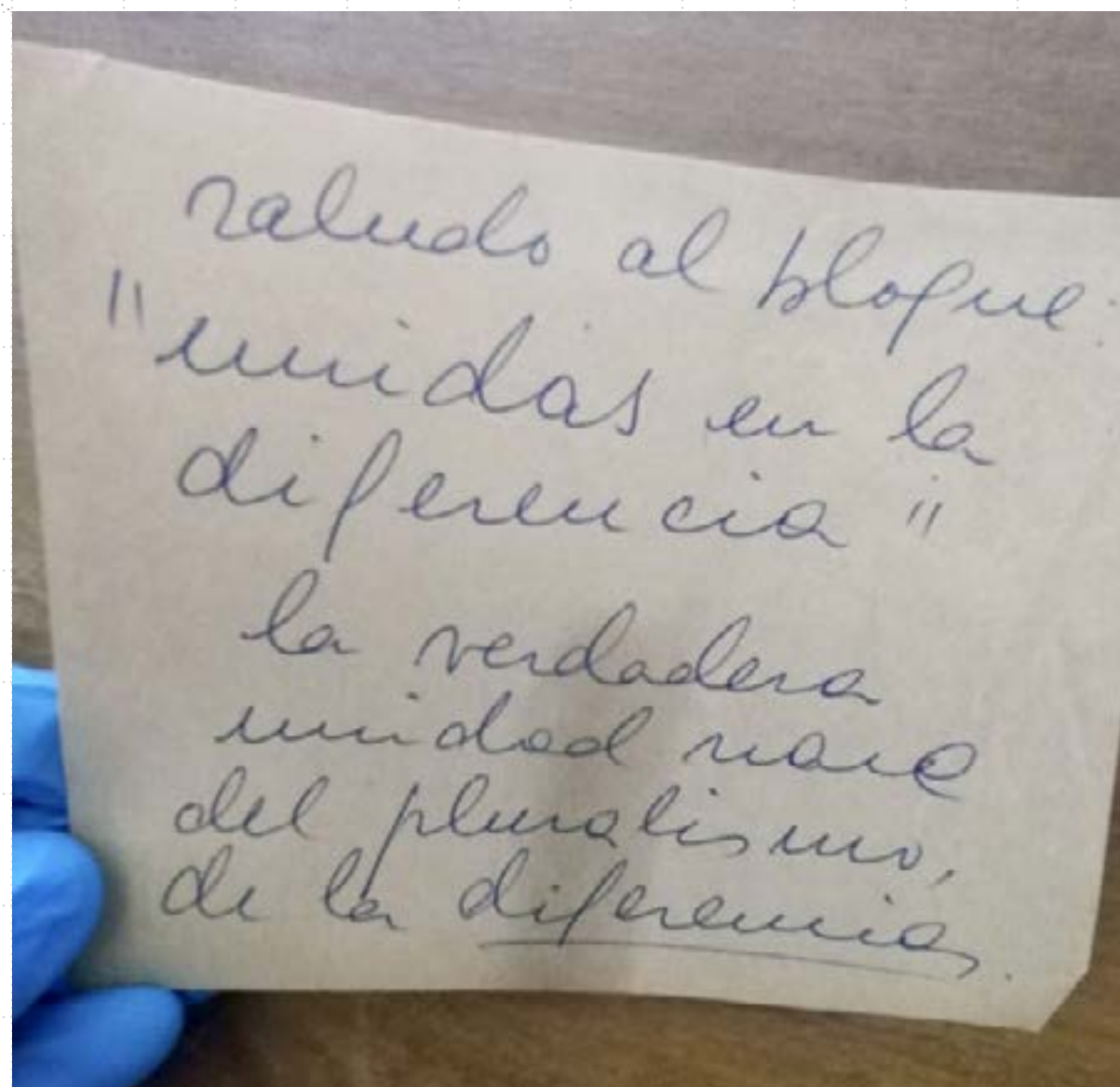


Figura 04. Foto de anotação de Julieta Kirkwood. Texto: *Saudações ao bloco "Unidas na diferença": a verdadeira unidade nasce do pluralismo da diferença.* Fonte: Este registro é do Acervo de Julieta Kirkwood, doado por Vicky Quevedo ao Acervo de Mulheres e Gêneros do Arquivo Nacional do Chile.

Sonho com ser os nossos nomes

Ela vai escrevendo incessante e oscilantemente os *nossos nomes*: suas pesquisas percorrem aquelas histórias dos nomes. Deixa-se ser pesquisada por todos os nomes – de mulheres – na perspectiva do modo de existência daqueles nomes (do mesmo modo como

nos deixamos pesquisar por Julieta). De *mulheres pobres*, de *mulheres ricas*, de *mulheres rurais*, de *mulheres Mapuche*, de *mulheres organizadas*, de *mulheres companheiras*, ou da mulher pinochetista: Lucía Hiriart de Pinochet. Ela *insiste* naqueles *feminismos como negação do autoritarismo*, e algo disso tem a ver com a sua escrita incessante de nomes. No entanto, acima de tudo, o seu nome: Julieta Kirkwood.

Digo isso simplesmente de passagem, *passando*, já que existem mil formas de se passar pelos Nomes-do-Pai – uma delas é se passar pelo lado, disse Lacan alguma vez. Repito, passo *passando*, pois, como dissemos antes, vamos em contra e a favor, a favor de outras coisas. Julieta Kirkwood passa passando, ao intensificar a escrita do seu nome. Como um vitalismo do nome, uma espécie de autoerotismo, um autoafeto em que o nome próprio se torna tão próprio que se autoriza, não pede licença e passa se passando (e um nome sempre será impessoal na medida em que seja nosso, já que um nome nunca é).

REFERÊNCIAS

CASTILLO, Alejandra. **Julieta Kirkwood**. Políticas del nombre propio. Santiago de Chile: Palinodia, 2020.

COBO-GUEVARA, Paula. Soñando 1 sueño de Julieta Kirkwood: quiero ser nuestros nombres, **Lobo Suelto**. 7 abr. 2023. Disponível em: <https://lobosuelto.com/sueno-de-julieta-kirkwood-quiero-ser-nuestros-nombres-paula-cobo-guevara/> Acesso em: 23 maio de 2024.

KIRKWOOD, Julieta. Preguntas que hicieron movimiento. **Escritos Feministas**, 1979-1985. Concón: Banda Propia, 2021.

KIRKWOOD, Julieta. **Ser Política en Chile**. Las feministas y los partidos. Santiago de Chile: LOM, 2017.

KIRKWOOD, Julieta. **Escritos Feministas**: la vigencia del pensamiento de Julieta Kirkwood en el Chile actual. Santiago de Chile: Universitaria FLACSO, 2020.

*As imagens nesta versão são do Acervo de Julieta Kirkwood, doado por Vicky